A correspondência trocada entre ambos, quando o grande pianista exerceu o prestigioso lugar de professor no Conservatório de Berlim, cargo raramente concedido a um estrangeiro, seria ainda um documento do mais alto valor para os estudiosos, se não se houvesse perdido na voragem dos dias cruéis que mais tarde envolveram esta família, sempre tão feliz. Mestre Carlos Reis ganha a primeira bolsa de estudo no estrangeiro pintando um grande e magnífico retrato da então jovem cunhada do Dr. Stromp.

Confessou-me a Sr.ª D. Helena Stromp de Sousa Reis, a irmã mais nova do nosso biografado (ou seja, o 7.º filho do casal Stromp, uma vez que, depois das quatro crianças já nossas conhecidas, nasceram mais três: um menino, que morreu cedo, o Mário e a Helena), a qual, quando criança, adormecera algumas noites embalada pelo virtuosismo de Vianna da Motta, que assim via cumprida a sua promessa: «Deita-te, Heleninha, que eu toco a Berceuse de Chopin para tu adormeceres».

Percorrido por tanta espiritualidade, o lar do Dr. Stromp constitui um lugar de eleição na Lisboa do início do século. Os filhos crescem neste ambiente, usufruem da mais esmerada educação e dos maiores cuidados paternos. Aos três anos de idade, o pequeno Chico está enfermiço, débil, e os colegas do pai, consultados acerca da criança, aconselham-lhe ar livre: «O menino devia viver ao ar livre». Tanto bastou para a família sair do Intendente e procurar residência no Lumiar. Primeiro, aluga uma moradia na Estrada da Torre, n.º 17; depois, transferem-se para a bela quinta da Vila Maria Teresa.

Por esse tempo, o Lumiar ficava «fora de portas»... Fora das portas da Cidade. Eram campos e campos, retalhados por casais e hortas, locais de preferência dos boémios, que para estes sítios vinham assistir à passagem de toiros bravos para as praças de Lisboa. Também eram aqueles domingos e feriados, por estas terras, grupos de alfacinhas, que acampavam para merendar. Local de arejados lavados, de boa fruta e hortaliças, onde havia uma ou outra moradia cheia de conforto, a contrastar com a pobreza dos cultivadores da região, conhecidos por saloios. Ainda seria preciso aguardar alguns anos até que os tentáculos do urbanismo transformassem aquele bucolismo idílico no rígido tracejado de casas e ruas que hoje é.

Aqui, no Lumiar, nascem os novos filhos ao casal Stromp. Com o crescimento dos mais velhos, e a educação ministrada, a família irá atingir um interesse de convívio e harmonia invulgares. O lar dos Stromp é farto e generoso, não lhe faltando as mínimas comodidades. Na Vila Maria Teresa há uma cozinheira, um jardineiro, três empregadas domésticas e um empregado para servir à mesa. As crianças fazem o estudo-base, mas os pais estão atentos à vocação de cada um para os poder encaminhar. Também os princípios democráticos do pai vão pesar na convivência dos filhos com os outros jovens. Os portões da Quinta estão abertos a todas as crianças vizinhas. Jamais naquele lar houve qualquer favoritismo de classe. Os amigos dos filhos terão sempre um talher na mesa. Pelos Santos Populares, o fogo-de-artifício é queimado fora dos muros, para que todos possam compartilhar da alegria festiva. Mais tarde, quando a filha mais velha, a Sr.ª D. Octávia Stromp Martins Pereira, é já uma pianista exímia (esta artista teve a honra de tocar, em São Carlos, um concerto de Beethoven a dois pianos, tendo como parceiro Vianna da